

Carta do Gestor / agosto 2023

Internacional

Apesar da desaceleração da inflação em julho, os mais importantes bancos centrais do mundo realizaram novos aumentos das taxas de juros no mês, o que não impediu o bom desempenho dos ativos de risco, graças às expectativas positivas quanto ao futuro próximo.

Na zona do Euro, a agência Eurostat divulgou, em estimativa preliminar, que o PIB da região, no segundo trimestre deste ano, cresceu 0,30% em relação ao trimestre anterior e 0,60% em relação ao mesmo período do ano passado. Já a inflação do consumidor em julho caiu de 5,50% para 5,30%, na base anual. O Banco Central Europeu - o BCE, por sua vez, realizou no final do mês outra elevação das taxas de juros, sendo que a de refinanciamento subiu de 4,00% para 4,25%, sobre depósitos de 3,50% para 3,75% e a sobre empréstimos de 4,25% para 4,50%, todas em base anual.

Nos EUA, o Departamento de Comércio, numa primeira estimativa, divulgou que o PIB do segundo trimestre de 2023 cresceu 2,40% em ritmo anualizado, acima das expectativas. Já a taxa de inflação anual do consumidor atingiu os 3,20% anualizada, em julho, depois de ter registrado os 3,00% no mês anterior. Quanto à taxa básica de juros, o comitê de política monetária do banco central norte americano julgou apropriado aumentá-la da faixa entre 5,00% e 5,25% ao ano, para 5,25% e 5,50% ao ano.

Na China, foi divulgado em julho que o PIB do segundo trimestre deste ano cresceu a um ritmo anualizado de 6,30%, abaixo do 7,00% que era o esperado pelos analistas. Quanto à inflação anual do consumidor no mês, a deflação de 0,30% foi a primeira desde fevereiro de 2021.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram o julho em 2,43% a.a., encerraram o mês em 2,47% a.a., já os títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 3,86% a.a. atingiram 3,96% a.a. no final do mês. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em julho foi de 3,11% no mês, acumulando rentabilidade de 19,52% no ano.

Brasil

Conforme o Banco Central, o índice de atividade econômica, o IBC-BR, apresentou retração de 2,00% em maio, em comparação com abril, mas apontou crescimento de 2,15%, na comparação com o mesmo mês no ano passado. Já o IBGE anunciou que a taxa de desemprego no trimestre encerrado em junho foi de 8,00%, a menor para esse trimestre desde 2014. Por outro lado, a mesma instituição divulgou que a inflação do consumidor em julho, medida através do IPCA, avançou 0,12%, passando a acumular alta de 2,99% no ano.

Quanto à taxa Selic, conforme era esperado pelo mercado, o Copom decidiu reduzi-la de 13,75% a.a. para 13,25% a.a. Os membros do colegiado avaliaram que a queda de 0,50% é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo de inflacionário. Já no setor externo, a balança comercial do país, teve, em julho, superávit de US\$ 9,03 bilhões, elevando o saldo acumulado no ano para US\$ 54,51 bilhões. O dólar, por sua vez, apresentou queda de 1,61% perante o real no mês, acumulando a importante desvalorização de 9,13% em 2023.

Em relação ao mercado de crédito, conforme a Serasa Experian, em junho a demanda do consumidor por crédito recuou 8,20% em relação ao mês anterior e passou a acumular queda de 12,50% no ano. Já a demanda das empresas por crédito recuou 5,70%, acumulando queda de 3,50% no ano.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa subiu 3,27% em julho, acumulando alta de 11,13% em 2023 e de 18,86% nos últimos 12 meses.

Perspectivas Cenário Macro

É sentimento generalizado entre importantes analistas econômicos que, com a queda consistente das taxas de inflação, brevemente os principais bancos centrais do mundo terão condições de iniciar o relaxamento de suas políticas monetárias, para que possam ser retomadas com maior vigor a expansão da atividade econômica, do emprego e do crédito. No entanto, neste momento, é imperativo acompanhar a evolução dos preços do petróleo, sempre um dos mais importantes fatores na composição das taxas de inflação e na determinação de diversos outros preços. Só no mês de julho, o petróleo do tipo “WTI” teve alta de 15,00% em sua cotação e a do tipo “Brent” de 14,06%. Se tal tendência permanecer, ou novos desdobramentos do conflito Rússia x Ucrânia surgirem de forma a piorar a oferta do produto, a visão mais otimista poderá logo se dissipar.

No Brasil, temos experimentado notícias muito positivas e que permitem um otimismo menos dependente dos preços dos alimentos e da energia. Se temores com o desempenho macroeconômico e fiscal do país eram muito relevantes no início do ano, a inflação em queda, por um lado e a aprovação do arcabouço fiscal e a evolução das contas públicas, por outro, por exemplo, já produziram importantes efeitos.

Internamente, o Banco Central finalmente reduziu a taxa Selic e novas reduções de mesma magnitude deverão se suceder. Há sinais positivos que permitem a recuperação da confiança de investidores e empresários. Com crescimento econômico sustentado poderemos assistir importantes aumentos do emprego e do crédito. Seja no segmento de crédito a grandes, pequenas e médias empresas, ao setor imobiliário, ao financiamento de veículos, bem como ao segmento de crédito pessoal e consignado. É relevante destacar que, conforme a Anfavea, as vendas de veículos subiram 24% em julho, após os incentivos do governo federal.

Externamente, em julho, refletindo a elevação da nota de crédito do Brasil, de “BB-”, para “BB”, com perspectiva estável, pela agência Fitch, o Credit Default Swap – CDS de 5 anos, termômetro do risco-país, atingiu marca inferior de 170 pontos, o nível mais baixo em 2 anos.

Estão melhorando cada vez mais as condições que permite imaginar um bom ano, tanto para o ingresso do capital estrangeiro tendo não só em vista o setor produtivo, como o financeiro inclusive.

